

ARTIGO 1

INFLUÊNCIA DO CÂNTICO DOS CÂNTICOS NA
CANTIGA DE AMIGO: UM BRANDO SOPRAR

Zípora Dias VIEIRA*

RESUMO: O presente trabalho busca relacionar o Cântico dos Cânticos, na sua representação de eu-lírico feminino, às cantigas de amigo, em suas características gerais. Para tanto, faz-se necessário refletir sobre a influência bíblica na literatura, sobre as características da Cantiga de Amigo e sobre as particularidades do Cântico dos Cânticos. A análise será realizada por meio de um recorte do livro bíblico e posterior comparação com as características gerais da Cantiga de Amigo. A hipótese sobre análise do objeto em estudo é a de que o Cântico dos Cânticos exerce influência sobre as cantigas de amigo, uma influência que, apesar de branda, é notória.

PALAVRAS-CHAVE: Cântico dos Cânticos; Cantiga de Amigo; Literatura bíblica.

* Mestranda em Teoria Literária pelo Centro Universitário Campos de Andrade – PR; Pós-graduada em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; Graduada em Letras pela Universidade de Mogi das Cruzes; E-mail: zipdi@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Direta ou indiretamente a literatura ocidental bebe de fontes sagradas e quanto mais retrocedemos na história da literatura, tanto mais o universo bíblico se faz presente. Para Martins (1979) a Bíblia ajudou a forjar a América, a Idade Média e a todos nós. Portanto, o debruçar sobre os textos sagrados, encarando-os como literatura, faz-se necessário para que possamos compreender a formação cultural de outrora e as influências geradas por essa formação na atualidade.

A poesia medieval portuguesa, nascida em um ambiente dominado pela Igreja, naturalmente apresenta certa influência bíblica, em diferentes níveis de intensidade. Essa influência, como se sabe, existe pela forte referência religiosa da época, ainda que houvesse espaço para o paganismo e para a poesia anticlerical. Os autores eram membros do clero, e religiosos, além dos autores nobres, educados por religiosos.

Martins, em sua obra “A Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa” (1979), apresenta uma breve lista descrevendo citações e referência bíblicas nas cantigas de amigo, amor e de

maldizer. D. Afonso X, o Sábio, de acordo com Martins, referia-se à Páscoa e à Paixão de Cristo em cantigas de maldizer; Airas Pérez Vuitoron, em outra cantiga de maldizer emprega frases em latim aprendidas nas Sagradas Escrituras: “*quentu legares en terra / erit ligatum in celo*. O que tu, Pedro, ligares na Terra, ficará ligado no Céu!” E, pouco adiante: “*pugnate cum serpente*, isto é, lutai contra a serpente.” (MENDES, 1979, p. 14). Sobre as cantigas de amor, Mendes observa:

Passando a outro poeta, não esqueçamos *Vidal, o Judeu d’Elvas*, posto que nada sabemos da sua posição social. Pertencem-lhe duas cantigas do mesmo cancionero [...] em louvor duma judia. O poeta sofre como *cervo lançado para fora da companhia das cervas* — e tudo pela *muy fremosinha d’Elvas*. Ora, o *Cântico dos Cânticos* compara precisamente o enamorado a um cervo: “O meu amado assemelha-se a uma cabra montês e a um veadinho.” (MENDES, 1979, p. 15-16)

Mendes (1979, p.17) ainda cita o D. João Soares Coelho que escreve referências ao Anticristo e ao fim do mundo, e, ainda sobre a obra do trovador, Mendes cita: “E na cantiga 473, do mundo às avessas, como diria Segismundo Spina, sentimos soprar uma aragem do Apocalipse, acerca da bem-aventurança dos que já morreram” (1979, p.17).

Mais à frente, quando cita Pero Garcia Burgalês, outro trovador, autor de uma cantiga em que o eu-lírico morre de amor, no entanto ressurgue ao terceiro dia, Mendes (1979, p.17) salienta: “Isto não chega para fazer deste serventês uma poesia de inspiração bíblica. Mas são alusões bíblicas, um roçar de asa.”

Um roçar de asa, ou o soprar de uma aragem: essas são figuras adequadas para explicar e entender a presença e a influência das Sagradas Escrituras na poesia medieval portuguesa. Um leve toque, uma presença suave, sem pretensões evangelísticas ou condenatórias, apenas a bela e por vezes discreta referência a narrativas e poesias milenares. Tal fato, somado à realidade já citada de que direta ou indiretamente recebemos em nossa cultura ocidental influências inúmeras da Bíblia, ressalta a necessidade de conhecermos e estudarmos os textos bíblicos como literatura. Afinal, para uma leitura mais abrangente de diversas obras é necessário que levemos em conta a presença do universo bíblico, mesmo que este se mostre, muitas vezes, apenas como uma aragem. Este artigo busca analisar a influência do livro

Cântico dos Cânticos nas cantigas de amigo, uma ramificação da poesia trovadoresca portuguesa. A análise será realizada utilizando um trecho do já citado livro bíblico, o objetivo é encontrar aspectos relevantes que demonstram o poder inspirador e influenciador do Cântico dos Cânticos na Cantiga de Amigo.

1. CANTIGA DE AMIGO

Por influência provençal, o lirismo trovadoresco fixa-se na Península Ibérica e ramifica-se em duas espécies de poesia, a lírico-amorosa e a satírica. A primeira subdivide-se em cantiga de amor e cantiga de amigo. Sobre distinções dentro da poesia trovadoresca, Spina justifica:

Junto da nova forma importada para os primeiros salões da casa de Borgonha (a canção, o *cantar d'amor*), adquire foros de cidadania a velha poesia nacional, vestígio ainda florescente do primitivo lastro poético da România – cujo agente criador era a mulher e cuja expressão literária eram as cantigas d'amigo. (SPINA, 1956, p. 37)

Na cantiga de amor, em linhas gerais, o trovador “empreende a confissão, dolorosa e quase elegíaca, de sua angustiante experiência passional frente a uma dama inacessível a seus apelos” (MOISÉS, 2006, p.20). Dessa maneira, uma “atmosfera suplicante” varre o poema, embebida da confissão da coita (sofrimento) por parte do trovador. A mesma atmosfera de suplício está presente nas cantigas de amigo, sobre ela nos debruçaremos um pouco mais.

As cantigas de amigo focalizam o lado feminino do sofrimento amoroso. Como é sabido, o drama é da mulher, porém, quem escreve a cantiga é o trovador, Moisés levanta dois motivos para tal fato: “1) Pode ser ele precisamente o moço com quem a moça vive sua história; o sofrimento dela, o trovador é que o conhece, melhor que ninguém; 2) por ela ser a jovem analfabeta, como acontecia mesmo às fidalgas” (MOISÉS, 2006, p.22).

Dessa maneira, de acordo com as palavras de Moisés, o trovador vive uma “dualidade amorosa”. Para o autor, o trovador extrai dessa dualidade as duas formas de lirismo amoroso: “Em espírito, dirige-se à dama aristocrática; com os

sentidos à camponesa ou à pastora. Por isso, pode expressar autenticamente os dois tipos de experiência passional, e sempre na primeira pessoa (do singular ou plural)” (MOISÉS, 2006, p.22).

Como recursos recorrentes nas cantigas de amigo, podemos listar alguns temas: ausência do amado, ambientação natural, diálogos com mãe e amigas, anseio pelo amado, alegria (anseio) pelo próximo encontro e tristeza pela ida do seu amado à guerra. A angústia passional nas cantigas de amigo é expressa por espécies diferentes de cantiga, de acordo com o recurso utilizado. Para Spina (1956) sete são as subdivisões. A primeira, o *cantar de amigo exclusivamente amoroso*, ocorre nas cantigas com as seguintes características: “A donzela nos narra a separação do namorado [...] a saudade, as juras de regresso breve [...], as conversações com a mãe ou com os confidentes [...] sobre episódios ou situações de sua vida sentimental” (SPINA, 1956, p. 75).

Em seguida, temos a *cantiga de romaria*, em que a mãe convida a mãe ou as amigas para uma peregrinação ao santuário, nesse lugar ela terá oportunidade para a conquista

amorosa. A *alva* é outra subdivisão, nela um enredo é recorrente: um vigia vem acordar os dois amantes, que passaram a noite juntos.

Outro tipo de cantiga é a *pastorela*, poema dialogado em que se opõe urbanidade palaciana e os costumes rústicos do campo, o tema “é a proposta amorosa à pastora feita por um cavaleiro que passa pelo campo” (SPINA, 1956, p. 76). *Bailadas e marinhas* (ou barcarolas) são as últimas subdivisões e tratam respectivamente de temas ligados à dança e aos sentimentos que ela pode suscitar, e, no caso das marinhas, temas ligados ao mar e aos sentimentos que ele inspira na donzela.

De acordo com Moisés, quando consideramos em conjunto, as diferentes configurações das cantigas de amigo “traduzem os vários momentos do namoro, desde a alegria da espera ou do diálogo entre moças acerca dos seus amores, até a tristeza pelo abandono ou a separação forçada” (2006, p.26). Uma série de símbolos recorrentes se insere nesses momentos, em algumas configurações mais que em outras, dentre eles estão o alvorecer, cervos, fontes, flores, ondas, aves, vento, luz e noite.

2. CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Tradicionalmente, Cântico dos Cânticos, ou Cantares de Salomão em algumas traduções, é tido como um canto nupcial, a expressão de um profundo amor entre uma noiva, Sulamita, e seu noivo, Salomão.

Numa época em que a mulher é serva do homem, estes cantos que celebram o amor mútuo exprimem uma grande ternura. Atribuídos ao rei Salomão, são provavelmente uma coletânea de antigos de amor cantados durante as bodas ou na vigília. [...] Interpretado como uma alegoria, este poema simboliza para os judeus o amor de Deus pelo seu povo. Os cristãos viram nele igualmente a união de Cristo com sua Igreja, assim como o diálogo entre a alma e Deus. (FOILLOUX et. al., 1998, p. 57).

A despeito das variadas interpretações da temática de Cantares, fato é, como bem salienta Gonçalves, citando definições de estudiosos, que a temática central da obra pode ser definida como “amor erótico”, “ou, de forma mais genérica, como poemas que tratam do âmbito da sexualidade e do erotismo” (GONÇALVES, 2016, p.2). Outras definições incluem componentes emocionais e até morais: “amor apaixonado”. Gonçalves ainda reforça que esta visão implica em certa dose

de questionamentos acerca da sacralidade da obra, visto que o erótico é tido como profano. Já para Mota (2012), a dificuldade encontrada por rabinos e exegetas em atestar a sacralidade da obra-se liga-se ao fato de que o livro, de acordo com a autor, traz uma perspectiva antipatriarcalista, pois nele é a voz da noiva, a Sulamita, que se evidencia.

De sacralidade até autoria, o livro de Cantares é alvo de intensos debates há muito tempo. O rei Salomão, que reinou em Israel de 970 até 930 a.C, é apontado por muitos como autor da obra.

Para os que defendem essa tese, há no poema evidências internas que apoiam tal atribuição, a começar pelo próprio título, onde está dito que se trata do mais belo cântico de Salomão (1:1). Salomão é mencionado explicitamente em várias partes (1:1,5; 3:7,9,11; 8: 11,12) e, para muitos, identificado como o amante ou o “esposo” da Sulamita. Há claras referências à riqueza, ao luxo, à presença de bens importados (3:6-11), característicos do Reino de Salomão. (CAVALCANTI, 2005, p.23).

Cavalcanti ainda cita a opinião de estudiosos como Chatillon, que acreditam na autoria salomônica de Cantares, no entanto, para Chatillon, a obra “seria um poema lascivo, e não

sagrado” (CAVALCANTI, 2005, p. 23), por meio do qual Salomão descreveria suas relações sexuais.

A tese da não autoria salomônica possui argumentos fortes. Sobre o assunto, Cavalcanti (2005, p.24) salienta que, por tudo que se sabe de Salomão, “pouca ou nenhuma semelhança existe entre a figura do rei, tal qual aparece no poema, e a personalidade real de Salomão na História”.

Em relação à datação da obra, Cavalcanti (2005, p.26), citando Schonfield, salienta que as tentativas de situar a obra em determinado período histórico por meio de referências cruzadas e semelhanças entre temáticas encontradas em outros livros bíblicos, como a referência ao Líbano como sede de prazeres, é infundada, pois “tais expressões e comparações fazem parte do imaginário hebraico de todos os tempos e não podem ser datadas”. Por sua vez, Stadelmann (1998, p.26) afirma que, colocando em julgamento os critérios linguísticos e históricos, Cântico dos Cânticos foi composto em 500 a.C., embora não exista referência alguma à data da composição.

3. ESTRUTURA DE CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Na subdivisão do cântico, além do título (1:1) , há 15 trechos atribuídos à esposa, 12 ao esposo e 9 trechos de “coro”. O Cântico dos Cânticos, numa divisão mais ampla, apresenta 6 partes, seis cânticos, divisão mencionada nos títulos da Bíblia versão Almeida Revista e Atualizada (2011).

No canto I (1:2 -2:7) o diálogo entre noiva e noivo se inicia (e assim prossegue em toda obra, entrecortado por recorrentes “coros”). Na primeira fala feminina, a intensa emoção da noiva pelo amado é expressa, bem como seu anseio por encontrá-lo; o diálogo se intensifica utilizando-se de recorrente linguagem metafórica, linguagem esta presente em todo poema.

No segundo canto (2:8 – 3:5) há um convite da Sulamita, pedindo que seu amado volte. Já no terceiro canto (3:6 – 5:1) há uma descrição da noiva, nesse canto também está presente de maneira latente a admiração do noivo pela noiva. O quarto canto (5:2 – 6:3) apresenta um possível devaneio, em que Sulamita sente a presença do amado batendo em sua porta; em seguida, a noiva descreve as virtudes do noivo.

No quinto canto (6:4 – 8:4) o noivo elogia sua noiva e ela responde; em seguida, a noiva realiza um convite de caráter sexual ao amado. O último canto (8:5 – 8:14) revela reflexões da noiva e o poema se encerra com uma evidente demonstração de amor mútuo.

4. ANÁLISE

O segundo cântico do livro de Cantares (2:8 – 3:5) foi escolhido para a análise, dele foram extraídos os trechos em que o eu-lírico é feminino, ou seja, a noiva é que expressa seu amor. A fim de facilitar a organização, apresentaremos a obra disposta em versículos, artifício criado séculos depois da feitura do Cântico dos Cânticos.

2:8 Ouço a voz do meu amado; ei-lo aí galgando os montes, pulando sobre os outeiros. 2:9 O meu amado é semelhante ao gamo ou ao filho da gazela; eis que está detrás da nossa parede, olhando pelas janelas, espreitando pelas grades. 2:10 O meu amado fala e me diz: Levanta-te, querida minha, formosa minha, e vem. [...] 2:15 Apanhai-me as raposas, as raposinhas, que devastam os vinhedos, porque as nossas vinhas estão em flor. 2:16 O meu amado é meu, e eu sou dele; ele apascenta o seu rebanho entre os lírios. 2:17 Antes que refresque o dia e fujam as sombras, volta, amado

meu; faze-te semelhante ao gamo ou ao filho das gazelas sobre os montes escabrosos. 3:1 De noite, no meu leito, busquei o amado de minha alma, busquei-o e não o achei. 3:2 Levantar-me-ei, pois, e rodearei a cidade, pelas ruas e pelas praças; buscarei o amado da minha alma. Busquei-o e não o achei. 3:3 Encontraram-me os guardas, que rondavam pela cidade. Então, lhes perguntei: vistes o amado da minha alma? 3:4 Mal os deixei, encontrei logo o amado da minha alma; agarrei-me a ele e não o deixei ir embora, até que o fiz entrar em casa de minha mãe e na recâmara daquela que me concebeu. 3:5 Conjurovos, ó filhas de Jerusalém, pelas gazelas e cervas do campo, que não acordeis, nem desperteis o amor, até que este o queira. (BÍBLIA SAGRADA, 2011, p. 918 - 919).

O trecho foi escolhido por ser ele um recorte que proporciona ao leitor uma mostra da temática trabalhada nas cantigas da noiva em Cantares. Procuraremos aqui aproximar a temática trabalhada com a temática recorrente e característica nas cantigas de amigo.

No versículo 8 do capítulo 2, a noiva exprime o anseio pelo esposo. Esse anseio está demonstrado pela alegria que ela revela quando ouve seu amado se aproximando. O desejo pela presença do amado é reforçado no versículo seguinte, em que

elementos da natureza são usados, a noiva compara o amado ao gamo, e revela a proximidade dele.

A voz do eu-lírico feminino a partir do versículo 10 é substituída pela voz do noivo; essa parte, por ser relativa ao eu-lírico masculino, foi suprimida do recorte. A fala da noiva só volta no versículo 15 do mesmo capítulo, nesse versículo a ambientação natural é muito rica, pequenos animais são citados: as raposinhas, e uma vinha. No trecho seguinte (versículo 16) ela reafirma a sua certeza na mutualidade do amor entre os dois; no mesmo versículo, a ambientação natural ganha mais uma vez espaço, quando a noiva cita onde está seu amado: apascentando ovelhas entre os lírios.

No versículo 17 uma certa angústia se faz presente, causada pela ausência do amado. A noiva suplica ao amado que ele volte antes do findar do dia, que ele fosse como um “gamo sobre os montes escabrosos”. Com essa figura, a noiva possivelmente pretende demonstrar seu desejo de que o noivo vencesse todas as dificuldades para estar com ela.

A angústia pela ausência do noivo é novamente demonstrada nos primeiros versículos do terceiro capítulo. A

noiva relata que de noite, já em sua cama, ela buscou o amado, no entanto, não o encontrou. Então, no versículo seguinte, ela revela sua intenção de se levantar e rodear toda a cidade em busca de seu noivo. Esse desespero revela possivelmente o estado de ansiedade da mulher, a intensidade de seu desejo pela presença do amado.

No versículo 3, a noiva narra que foi encontrada pelos guardas e perguntou a eles se haviam visto o amado; em seguida, a procura continua, pois sua angústia e desejo eram intensos. A noiva ainda relata no verso 4 que, mal deixa a presença dos guardas, encontra-se com seu amado. A sua alegria é tão grande que ela o agarra e não o deixa ir embora (verso 4). Não apenas isso, a noiva o leva até a casa de sua mãe.

O segundo cântico se finda no versículo 5, em que se nota a interlocução com as “filhas de Jerusalém”. Outras personagens femininas se fazem presentes no poema, e a noiva intenta fazê-las jurar “pelas gazelas e cervas do campo” que não iriam incomodar e nem acordar “o amor” até que este assim desejasse. Essas mesmas filhas de Jerusalém poderiam ser amigas da noiva e sobre a conjuração intentada pela amada

pairam variadas interpretações. É uma expressão recorrente na obra, está presente em 2:7, 3:5, 5:8, 8:4; ela pode expressar a ideia de que o amor deve ser livre, não forçado.

Os elementos de aproximação entre a obra Cântico dos Cânticos, representada pelo corte apresentado, e as cantigas de amigo são quatro, e esses elementos são recorrentes em todos os oito cantos do poema hebreu.

O sofrimento amoroso está presente no segundo canto, a tristeza pela ausência do amado é perceptível no versículo 17 do capítulo 2, em que a noiva suplica pelo regresso do amado. Essa separação do amado é marca da cantiga de amigo, bem como a saudade, ou a tristeza pela partida do amado. De maneira ainda mais intensa, esse sofrimento é revelado de 2:17 até 3:4. O anseio pelo retorno do noivo, e a alegria que tal esperança gera também estão expressa no segundo cântico (2:8-9).

A tristeza pela ausência do amado (ou angústia) e o anseio alegre pelo seu retorno são os elementos de aproximação mais fortes, e são recorrentes em toda obra, estão presentes nos versos: 1:7, 2:4-6, 2:8-9,4:16, 5:2, 5:4-6, 8:1-3. O anseio pela

presença do amado também finaliza o poema (8:14), o que demonstra a importância da temática na construção do mesmo.

O terceiro elemento de aproximação é a ambientação natural, forte marca das cantigas de amigo, e recurso também muito utilizado em Cântico dos Cânticos. Fato é que todos os cânticos apresentam figuras recorrentes da natureza e no segundo cântico, mesmo que em determinado trecho (3: 2-4) seja citado um ambiente citadino, a presença de elementos naturais também é recorrente: montes e outeiros no verso 2:8; gamo em 2:10; raposas e vinhedos em 2:15; rebanho e lírios em 2:16; gamo e montes em 2:17 e gazelas em 2:5.

Finalmente, o quarto elemento de aproximação se faz presente na interloração. Nas cantigas de amigo há recorrente diálogo da amante com outra personagem feminino, que pode ser representado pela mãe, por uma irmã ou amiga. As filhas de Jerusalém são citadas no canto, não apenas uma vez; podem ser elas amigas da jovem noiva campesina, confidentes da moça.

Além dos quatro elementos citados, o fato de Sulamita ser uma camponesa também aproxima a obra judaica do

conjunto de cantigas medievais. Afinal, é uma camponesa, uma pastora, que expressa todo seu amor e sofrimento nas cantigas de amigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os elementos acima mencionado são suficientes para a verificação das semelhanças entre a obra *Cântico dos Cânticos* e a *Cantiga de Amigo*. Esse fato revela que a influência da Bíblia não se limita apenas a referências diretas, evangelísticas ou moralistas. Muitas vezes, a presença das Sagradas Escrituras é um “soprar de aragem”, leve, mas perceptível. No caso da *Cantiga de Amigo*, a branda influência bíblica é perceptível quando nas características das cantigas encontramos elementos recorrentes e marcantes em *Cântico dos Cânticos*, a saber: o eu-lírico feminino, a expressão sentimental pela ausência do amado, o anseio pelo próximo encontro, a ambientação natural e a interlocução com personagens femininos.

Não é exagero afirmar que, com diferentes intensidade, a literatura bebeu e ainda bebe das fontes sagradas judaico-cristãs. Portanto, é necessário aprofundarmos os estudos

relacionado à Bíblia como literatura, dessa forma será possível entendermos e apreciarmos melhor a riqueza da literatura antiga, bem como alcançar entendimento mais amplo dos escritos medievais, modernos e contemporâneos.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

CAVALCANTI, Geraldo Holanda. **O Cântico dos Cânticos: um Ensaio de Interpretação através de suas Traduções.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=INRk0IQGs4AC&prints ec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 7 de abril de 2016.

FOUILLOUX, Danielle et. al. **Dicionário Cultural da Bíblia.** São Paulo: Edições Loyola, 1998. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=zztJfwFA4CUC&prints ec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 7 de abril de 2016.

GONÇALVES, H. M. **Um olhar indiscreto e desconstrutivo sobre as interpretações do cântico dos cânticos.** Revista

Inclusividade, Porto Alegre, n.2, p.1- 26, jul. 2002. Disponível em:

http://www.dm.ieab.org.br/recursos/teologia/um_olhar_indiscreto_cantico_dos_canticos_humberto.pdf. Acesso em: 7 de abril de 2016.

MARTINS, Mário. **A Bíblia na Literatura Medieval Portuguesa**. Venda Nova: Instituto de Cultura Portuguesa, 1979. Disponível em: cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/.../file.html. Acesso em: 7 de abril de 2016.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Portuguesa através dos tempos**. 33ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 34ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=xcOYSXj0xN0C&prints=ec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 7 de abril de 2016.

MOTA, B. C. **A Lavoura e o Jardim: Acordes do Cântico Dialogizados na Prosa de Raduan Nassar**. Itinerários, Araraquara, n. 35, p. 41-60, jul./dez. 2012. Disponível em: seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/download/5900/4497. Acesso em: 7 de abril de 2016.

SPINA, Segismundo. **Apresentação da Lírica Trovadoresca**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1956.

STADELMANN, Luís. **Cântico dos cânticos**. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=m61c6j52npAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 7 de abril de 2016.